



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Síntese da entrevista com Maria Lilith da Cruz Silva

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.05.005.001.SIN

Entrevistado/a: Maria Lilith da Cruz Silva

Entrevistador/a/es: Fabiana Zanandrea

Tema: História de vida; LGBT

Data: 10 de setembro de 2024

Local: AHMJSA - Caxias do Sul

BIOGRAFIA:

Maria Lilith da Cruz Silva nasceu no dia sete de janeiro de 1996, em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (Brasil), filha de Juares Valduir Cruz da Silva, natural de Vacaria, e de Luciana Gonçalves da Cruz, natural de Panambi. Estudou na Escola Municipal Basílio Teacenco e na Escola Estadual Victorio Webber. É bailarina clássica e contemporânea desde 2010. A formação artística se deu no Centro Educativo Aeroporto e Recria (2006-2010) e nas companhias Ballet Margô Brusa e Matheus Brusa (2010). Obteve o primeiro lugar em Dança Contemporânea nos Festivais de Dança de Joinville (2012 e 2013), em Santa Catarina, onde também foi indicada ao Prêmio Revelação. Entre 2014 e 2022, foi bailarina profissional da Companhia Municipal de Dança de Caxias do Sul. Atuou como diretora artística do Espaço Cultural La Maison de l'Art, bem como foi co-idealizadora do Projeto Social Impulso. É diretora artística e proponente do Projeto Social Black Power, que promove a cultura afro-brasileira e a inclusão social. No âmbito profissional, atua como educadora social e ministra aulas na Escola de Danças Carla Barcellos e no Espaço Cultural Akácio Camargo. Fonte: entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral e Currículo Vitae.

TEMAS PRESENTES NO RELATO:

Panambi – Caxias do Sul

A infância em Panambi e o convívio com a família paterna. O nascimento do irmão, a separação dos pais e o retorno da mãe a Caxias do Sul.

Religiosidade familiar

A dependência química do pai e a aproximação com a igreja evangélica. O ingresso da mãe na igreja Mórmon e o batizado de Maria na infância. O início do interesse da entrevistada pela religiosidade.

A irmã da avó materna como referência na comunidade do bairro Monte Carmelo em benzeduras e compostos feitos de ervas, o sincretismo religioso.

A presença do sincretismo e da oralidade na família materna. O interesse de Maria pela Wicca e a identificação com a Umbanda.

Centro Educativo

O trabalho da mãe entregando panfletos de divulgação, a presença de Maria nessas atividades, a ação do Conselho Tutelar e o encaminhamento para o Centro Educativo Esperança (Aeroporto) no contraturno escolar (2008).

A literatura e a dança como caminho de transformação da realidade social.

A vulnerabilidade no contexto familiar

A informalidade do trabalho do pai e da mãe, as constantes trocas de residência, a alternância de convívio com a família paterna e a materna, o cuidado com os irmãos menores.

A dança

As oficinas de dança com o professor Tiago Paim; as apresentações para a Fundação de Assistência Social (FAS).

A Lei de Incentivo à Cultura, o Financiarte, a audição e o ingresso no Ballet Margô e na Companhia de Dança Matheus Brusa. As oportunidades maiores para bailarinos evoluírem na dança devido à escassez de profissionais.

As idas a pé do bairro Monte Carmelo à escola de balé no bairro N. SA. de Lourdes; a falta de recursos.

Os destaques com bailarino, a bolsa na Escola de Teatro Bolshoi no Brasil, em Joinville (SC). A impossibilidade de frequentar a escola Bolshoi.

A participação como bailarina profissional da Companhia Municipal de Dança de Caxias do Sul entre 2015 e 2021. A importância de Caxias no cenário brasileiro de dança.

A exigência de ajuda de custo mensal para as despesas familiares; a saída de casa; o apoio da professora de dança Katherine Brusa.

Espaço Cultura Akácio Camargo (2013) – Projeto Impulso

A parceria com Akácio Camargo; o desenvolvimento de um espaço cultural, no bairro Planalto, a fim de levar a dança para crianças e adolescentes em vulnerabilidade social.

O início do projeto com três crianças; o preço social; o crescimento e a manutenção do espaço a partir de projetos destinados à Lei de Incentivo à Cultura.

As aulas de balé clássico, dança contemporânea, pilates, yoga, oferecidas à comunidade local.

A formalização do espaço em uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) em 2024.

O trabalho no Centro Assistencial Vitória; a educação social.

A identidade de gênero

O processo de transição; o entender-se como mulher trans e travesti; a importância do convívio com a mãe no hospital para a construção da identidade; a pandemia.

O contato com a poesia de Álvares Azevedo e a atribuição de significado relacionada ao próprio processo de reconhecer-se como mulher trans.

A conexão entre a arte e o processo de transição; a persona “Helena, terrorista de gênero”; as memórias de infância; a importância do apoio da mãe.

A aceitação e o carinho dos alunos; o respeito da comunidade; o cuidado amoroso do companheiro Akácio; o questionamento de amigos e familiares.

O trabalho nas escolas particulares de dança; a conquista dos espaços consolidada pelo talento e profissionalismo.

A importância da ONG Construindo Igualdade; o acompanhamento psicológico.

A atenção à saúde da pessoa LGBT

O Sistema Único de Saúde (SUS); o encaminhamento à UCS; a transição hormonal; as dificuldades e o despreparo de alguns profissionais e estagiários.

O nome “Maria Lilith”

A origem suméria do nome Lilith e a história cristã do nome Maria. A identificação da entrevistada com a dualidade representada na simbologia desses nomes.